

RELIGIÃO, POLÍTICA E MÍDIAS DIGITAIS: O HUMOR COMO “ARMA” NO CAMPO CONSERVADOR BRASILEIRO

Suzanne Siqueira Mendonça¹
Lucas Ribeiro Rocha²

GT 11 - Democracia na era digital: redes e ruas em diálogo³

Resumo: As duas últimas eleições no Brasil evidenciaram o poder do campo digital na mobilização de valores e afetos no debate político. Diante disso, este trabalho analisa como atores do campo conservador brasileiro têm utilizado as mídias digitais para articular discursos de viés antissistêmico, com ênfase no uso do humor como estratégia discursiva. Busca-se compreender de que forma valores religiosos e morais são mobilizados por esses atores e como o humor é acionado tanto para deslegitimar opositores quanto para conquistar engajamento junto ao público, em uma lógica de construção de identidade. A pesquisa, de abordagem qualitativa, realiza uma análise sistemática de conteúdos produzidos por perfis políticos e civis conservadores em diferentes plataformas digitais. A análise leva em conta elementos como performance, formações discursivas e circulação nas mídias digitais, com atenção especial ao uso do humor como dispositivo de adesão e disputa simbólica. Os resultados apontam para a eficácia do humor como “arma” retórica, que opera tanto na construção de autoridade quanto na desqualificação de adversários políticos. Além disso, evidenciam como referências religiosas e morais presentes nas performances humorísticas são constantemente articuladas para reforçar vínculos afetivos com o público.

Palavras-chave: Conservadorismo; Religião; Mídias digitais; Humor; Disputas políticas.

Abstract: The last two elections in Brazil highlighted the power of the digital field in mobilizing values and affections in political debate. In light of this, this work analyzes how

¹ Mestre e Doutoranda em Sociologia pelo Programa Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFF). Pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas Guerreiro Ramos (NEGRA/UFF) Publicações na área da religião, digital e política. E-mail: suzannesm@id.uff.br

² Bacharel e mestrando em Sociologia (PPGS/UFF). Membro do Laboratório de Estudos socio-antropológicos em Política, Arte e Religião (LEPAR/UFF) e do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC). E-mail: lucasrr8@gmail.com

³ Trabalho apresentado na 14ª Semana de Ciências Sociais da PUC-Rio no GT 11.

actors within the Brazilian conservative field have used digital media to articulate anti-systemic discourses, with an emphasis on the use of humor as a discursive strategy. It seeks to understand how religious and moral values are mobilized by these actors and how humor is used both to delegitimize opponents and to gain public engagement, within a logic of identity construction. The research, using a qualitative approach, conducts a systematic analysis of content produced by conservative political and civil profiles on different digital platforms. The analysis considers elements such as performance, discursive formations, and circulation in digital media, paying special attention to the use of humor as a device for adhesion and symbolic dispute. The results point to the effectiveness of humor as a rhetorical "weapon," operating both in the construction of authority and in the disqualification of political adversaries. Furthermore, they demonstrate how religious and moral references present in comedic performances are constantly articulated to reinforce emotional bonds with the audience.

Keywords: Conservatism; Religion; Digital media; Humor; Political disputes.

1. Introdução

O presente trabalho propõe a análise do humor como estratégia discursiva em dois atores: o humorista Jonathan Nemer e o deputado federal Nikolas Ferreira (PL/MG). A proposta deste projeto fundamenta-se na compreensão de como valores religiosos e morais são mobilizados por esses atores e de que maneira o humor é acionado tanto para deslegitimar opositores quanto para conquistar engajamento junto ao público, em uma lógica de construção e reforço de identidade.

Partindo da análise da antropologia digital, Cesarino (2022) observa que a campanha eleitoral de 2018 revelou o protagonismo de eleitores comuns, que compartilhavam conteúdos prontos, em detrimento da contribuição de especialistas, vistos como parte de uma massa manipuladora. Com significativa adesão ao padrão da onda global desse novo *modus operandi* da direita, o pleito evidenciou o “proliferar [do] pensamento conspiratório e a desconfiança na ciência *mainstream* em um ritmo inédito no passado recente” (p. 12). Um modelo de conteúdo amplamente compartilhado apresentava um elemento em comum: o humor.

Em termos analíticos iniciais, no que diz respeito ao humor, partimos do pressuposto de que ele não é performado em um vácuo social, mas sim socialmente codificado (EAGLETON, 2020), uma vez que o que tem graça varia histórica e socialmente. Segundo Berger, “o humor

é uma constante antropológica e é historicamente relativo” (2017, p. 11). Portanto, em uma mesma sociedade, há diferenças na percepção do que é cômico ou não, a depender de fatores como classe, raça, gênero, religião e posição política, entre outros. Logo, não há uma natureza intrínseca ao humor além de sua pretensão geral de fazer rir e de sua dimensão inerentemente social.

Como apontam Bremmer e Roodenburg, de forma geral, o humor pode ser entendido como “qualquer mensagem — expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas — cuja intenção é provocar o riso ou um sorriso” (2000, p. 13). Pode-se rir de diversas coisas, como de si mesmo, do outro, de situações cotidianas e de produções artísticas, entre outras.

No caso que estamos analisando, o humor é mobilizado em um duplo eixo: de coesão social entre indivíduos com posicionamentos políticos e morais semelhantes, em interação com seus seguidores, e de coerção contra aqueles que discordam, mas estão inseridos nesses grupos sociais, como, por exemplo, os “evangélicos de esquerda”.

Como argumenta Berger, em contextos de socialização, “o humor funciona de maneira sociopositiva, aumentando a coesão do grupo (...) Aqueles que riem juntos permanecem juntos” (2017, p. 115–116). Contudo, também opera sob aspectos sonegativos nas relações entre grupos, pois o humor serve para demarcar fronteiras entre eles, por meio da ridicularização do outro, como na produção de memes políticos que cresceram nos últimos anos, tanto à direita, pioneira nesses usos nas redes sociais, quanto, mais recentemente, à esquerda do espectro político.

Este trabalho seguiu uma abordagem qualitativa, buscando, por meio da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2002) aplicada a esses dois influenciadores, e utilizando as plataformas YouTube e Instagram como lócus de análise empírica, compreender quais sentidos são estabelecidos nos discursos emitidos pelos atores selecionados. Seguindo o conceito de formação discursiva (FOUCAULT, 1969), observa-se de que maneira os atores mobilizam suas falas para um lugar ideologicamente marcado.

A escolha do deputado federal Nikolas Ferreira (PL/MG) deu-se por sua expressiva influência midiática e atuação política, além de contar com 18,3 milhões de seguidores no Instagram e um vídeo com mais de 100 milhões de visualizações. O ator utiliza o Instagram como um portal político e pessoal, intercalando publicações entre fotos da família e discursos em plenário, bem como vídeos voltados à mobilização da comoção pública, como um que alcançou 138 milhões de visualizações sobre uma investigação no INSS.

Já a escolha do humorista evangélico Jonathan Nemer deu-se, para além de seu número significativo de seguidores, com mais de 4,2 milhões no Instagram e 1,97 milhão de inscritos no YouTube, pelo fato de ele utilizar recorrentemente suas performances humorísticas em shows de *stand-up comedy* para tecer comentários sobre suas percepções e posicionamentos acerca da política nacional.

Ambos são evangélicos e partilham afinidades com ideias de um conservadorismo religioso que, embora não representem a totalidade dos evangélicos, são representativos de uma hegemonia formada em torno desse grupo. Afinal, “reconhecer que boa parte dos evangélicos é de perfil conservador, como apontado por diversas pesquisas etnográficas e evidenciado em dados quantitativos, não é assumir que ‘todos os evangélicos são conservadores’” (ALMEIDA; GUERREIRO, 2023, p. 217).

Ambos também utilizam as tecnologias digitais de comunicação e informação como propulsoras de seus discursos, em um contexto sócio-histórico no qual a presença e a evolução das mídias digitais, em uma relação humano-máquina que se reconfigura mutuamente, transformam as relações sociais de múltiplas formas. Hoje, essas tecnologias são intrínsecas à vida cotidiana de inúmeros indivíduos, não podendo ser vistas como separadas das demais esferas do social (HINE, 2016). Observar esses atores também demonstra, empiricamente, a relação intrínseca entre religião e mídias, pois:

a relação entre religião e mídia aciona um processo dinâmico de produção e reinvenção desses próprios conteúdos religiosos, de seu lugar na esfera pública, da relação entre o religioso e o secular, do surgimento de audiências (inesperadas e mesmo inusitadas), de modos de habitar e circular na cidade, da formação de subjetividades, da produção de políticas públicas, e das relações de grupos “religiosos” e “laicos” com o Estado (MACHADO, 2014, p. 141).

2. Jonathan Nemer: uma análise do uso humorístico para posicionar-se politicamente

Jonathan Nemer é formado em Direito e atua profissionalmente nas redes sociais digitais como ator, comediante e influenciador digital. Embora sua intenção seja fazer um “humor não segmentado”, com produções voltadas a um público mais amplo e com “censura livre”, referindo-se a conteúdos que podem ser assistidos por pessoas de todas as idades, por não utilizarem “palavrões”, um nicho relevante de seu público é composto por indivíduos religiosos, em especial evangélicos, grupo do qual ele faz parte. Isso se dá por uma convergência identitária, já que o riso está fortemente associado à identificação.

No início do seu canal do YouTube, pelos idos de 2010, ele produzia conteúdo como *hobby*, em concomitância com sua carreira de advogado, sem postagens sistemáticas de vídeos e com uma forma de produção mais “laica”⁴. Segundo ele, os conteúdos que viralizaram no começo foram uma paródia com o tema “cala a boca, Galvão”, no contexto da Copa do Mundo de 2010, e, posteriormente, um funk de paródia com Thiago Leifert, que, à época, estava começando no Globo Esporte.

Em 2013, junto com Thiago Baldo, seu amigo e católico, criou o canal de humor “Desconfinados”, que hoje possui mais de 4,6 milhões de inscritos no YouTube. A proposta era produzir esquetes humorísticas semelhantes às do Porta dos Fundos, que, à época, também se consolidava no mercado humorístico brasileiro, em meio à expansão do uso das redes sociais, mas sem “palavrões”, pois eles julgavam que o Porta dos Fundos “era legal, né, mas têm uns vídeos muito pesados” (NEMER, 2021, min. 20:45–20:47). Essa parceria deu origem ao canal com a proposta de ser de “censura livre”, contrapondo-se a um humor mais “pesado”, como o de canais como o Porta dos Fundos.

Nem todo o conteúdo que ele posta, seja em seus canais e perfis pessoais, seja no “Desconfinados”, é estritamente religioso. O humor de outros comediantes evangélicos, em geral, também costuma alternar entre temas propriamente evangélicos e conteúdos “seculares”. Contudo, como ele apontou tanto em uma entrevista para Danilo Gentili, em 2018, quanto para Rogério Vilela, em 2021, produz conteúdos de “censura livre”, referindo-se a materiais voltados para todas as idades e, em ambas as ocasiões, afirmou sua identidade cristã como motor dessa forma de produção.

Nas eleições de 2018, esse humorista posicionou-se explicitamente a favor da candidatura de Jair Bolsonaro, fazendo campanha para o então candidato. Nos parágrafos seguintes, serão apresentados alguns trechos de uma performance humorística em um show de *stand-up comedy* intitulado “STAND UP - Quem votaria no Bolsonaro ou no Lula?”⁵

Já nos primeiros segundos do vídeo, ele inicia com a seguinte indagação ao seu público, em um tom autoafirmativo acerca de algo que estava muito em voga em determinados segmentos da sociedade brasileira: a desconfiança nas urnas. Em seguida, realiza uma

⁴ Essas informações foram coletadas em uma entrevista que ele deu ao comediante e influenciador Rogério Vilela no Mesacast Inteligência Limitada no ano de 2021. O vídeo pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/live/0J9TiU-RO9E?si=L4N6Ik55erlnUU2p>. Último acesso em: 13 de maio de 2025.

⁵ O vídeo pode ser assistido em: https://youtu.be/WFL22qvoi2A?si=nH_TZNX-jeBWuSJ4. Último acesso em: 13 de maio de 2025.

“pesquisa” eleitoral própria com o público presente, que se desdobra ao longo de toda a performance recortada nesse vídeo:

E eu não acredito muito na pesquisa Ibope, Datafolha, vocês acreditam? (A maioria do público presente responde com um unísono “não”) Alguém já foi entrevistado aqui ou não? (o público reage com um segundo “não”) (...) Mas vamos fazer a nossa pesquisa, então, hoje? (Ele pergunta sobre os candidatos Ciro Gomes, Marina Silva e Henrique Meirelles, performando sobre a visão que tinha deles em um contexto de jocosidade) Se a eleição fosse hoje, e ele não estivesse preso, quem aqui votaria no Lula. Levanta a mão. Olha, demônio manifesta na hora, você viu ali? Na hora. ‘Eu votaria, companheiro. Ele é honesto (imitando o tom de voz do Lula com uma mistura com um fenômeno de possessão) Não, de verdade vai, se a eleição fosse hoje, quem aqui votaria no Lula? Levanta a mão, pode levantar. Não precisa ter vergonha. Não precisa ter vergonha de ser retardado. Oh, quem assumir que votaria no Lula vai ganhar um brinde (algumas pessoas levantaram a mão) Pronto, ganhou um brinde. Pode vir pegar sua faca (risadas seguidas de palmas) (...) Se a eleição fosse hoje, quem aqui votaria no Bolsonaro? (uma série de gritos indicando que sim) Aeeee, tamo junto galera (pega uma arma de brinquedo) Brincadeira, é de brinquedo, viu, gente, Calma, aí eu falo que é de brinquedo, satanás coloca uma bala e eu mato alguém. Mata logo um petista ‘aiii’. Gente, isso daqui é lógico, é um Stand up, é brincadeira (...)

(NEMER, 2018, 0:17–5:17)

Após esse vídeo, trazemos também trechos do vídeo “STAND UP - 2º Turno: Bolsonaro x Haddad Verde”⁶:

E eu amo Curitiba (...) Eu gosto daqui também porque eles recebem bem as pessoas. Todas, por mais bandido que seja (seguido de palmas). Vocês sabem de quem eu tô falando, né? O Lula (...) Tá aqui pertinho, tá preso. E não tem como começar o show não falando de política, né? (...) Quem votou no Haddad, pode levantar a mão, gente. Tamo em Curitiba, mas ninguém vai te agredir. Levanta a mão. Ó lá tem umas pessoas, uns dois ou três. Retardados (risadas e palmas) (...) Quem votou no mito, no Bolsonaro, levanta a mão (uma multidão de gente gritando em anuência e levantando a mão). Caramba, véi, muita gente (...) Mas você vê, eu não acredito muito na urna eletrônica. Não percebe? Todo lugar que eu fui fazer show, mano, é tipo assim, 80–90%, mas ok” (...) Eu... é difícil se posicionar. Eu não acho o Bolsonaro o melhor do mundo. Ele é o perfeito. Não é o perfeito. Dos que tem é o melhor, é ou não é? (...) E eu recebi mensagem há pouco tempo falando assim: ‘Cara, você é um babaca por apoiar ele. Porque ele falou que vai acabar com a Lei Rouanet, ou seja, você tá perdido, você como artista tá ferrado’. Aí eu falei ‘Eu tô ferrado? Ferrados tão os artistas vagabundos que mamam na teta do Governo’. Eu sou bem-sucedido por causa do meu trabalho, do meu esforço, e graças a Deus que me dá criatividade também, né? (seguido de aplausos e uivos de aprovação) Aí eu postei isso, e perdi 1.500 seguidores (...) Aí fala ‘Nossa, que ruim’. Nada, pensa num Instagram agora bom, todo mundo honesto, trabalhador. Só gente do bem... armada.

(NEMER, 2018, 0:17–4:51)

⁶ O vídeo em questão pode ser visto em: https://youtu.be/LqrRHwOucSo?si=IWEv7U7XD_SqMNUK. Último acesso em: 13 de maio de 2026.

Logo após isso, Nemer comenta as mudanças estéticas após os resultados do primeiro turno. Para lembrar, Fernando Haddad obteve 29,28% dos votos válidos, enquanto Jair Bolsonaro alcançou 46,03% dos votos, uma diferença de 16,75% entre os dois⁷. Ele menciona a mudança no tom da campanha, que passou de uma estética fortemente associada ao Partido dos Trabalhadores (PT), com o uso da cor vermelha e o slogan “Haddad é Lula, Lula é Haddad”, para uma estética mais voltada às cores da bandeira do Brasil, à época amplamente utilizadas pelo bolsonarismo. O tom do Nemer ao abordar esse ponto foi, evidentemente, irônico, como se observa quando afirma: “Só que eles esqueceram que os eleitores burros são os dele, não do Bolsonaro (muitas palmas)” (NEMER, 2018, 06:06 – 06:13).

Nessas duas performances descritas acima, no contexto eleitoral de 2018, percebe-se a dupla dimensão do humor em seu uso como “arma”, pois, ora reforça vínculos e ideais de um grupo que se posiciona de forma similar à sua, ora constrange grupos que se posicionam de maneira distinta, ridicularizando-os. Atua, assim, simultaneamente como mecanismo de coesão e de coerção social.

Em ambos os casos, ele ora coloca em dúvida as pesquisas eleitorais, ora as urnas eletrônicas, utilizando como viés confirmatório o fato de os ambientes que frequenta serem majoritariamente compostos por eleitores de Bolsonaro. Nesse sentido, reforça uma dinâmica populista de “deslegitimação de estruturas de produção de verdade preexistentes (imprensa, academia) para isolar os seguidores em públicos fechados” (CESARINO, 2022, p. 149).

Outros pontos relevantes na fala de Nemer, nessa performance, incluem a menção de que Bolsonaro não seria o candidato perfeito, mas o melhor que eles teriam. Em 2021, com Bolsonaro na presidência, no já mencionado podcast do Rogério Vilela, ao tratar da questão dos valores que influenciam sua atuação, desde a época da advocacia até na sua atuação como humorista, utiliza a política como exemplo e afirma que “tem que ter cristão na política sim, mas cristão mesmo, não cara que fala da boca pra fora” (NEMER, 2021, 1:04:02 – 1:04:06), em continuidade, critica aqueles que utilizam Deus como palanque eleitoral, mencionando nominalmente Dilma e Lula, e ao falar de Bolsonaro:

Por exemplo, Bolsonaro, evangélicos gostam muito dele, mas ele falou várias vezes ‘não sou evangélico, sou católico’, mas, por exemplo, foi na Índia e tem imagem, tem vídeo dele, se curvando ao deus da Índia (...) Votei nele, tudo assim, beleza, porque

⁷ Os resultados podem ser vistos em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/concluida-totalizacao-de-votos-do-1o-turno-das-eleicoes-2018>. Último acesso em: 13 de maio de 2026.

de acordo com os princípios que ele defende, foi o que eu achei na época que era ele ou o Haddad, fui nele. (NEMER, 1:05:04–1:05:22)

Essa associação de Bolsonaro com valores cristãos foi construída ao longo da última década, criando nele uma figura que Christina Vital de Cunha (2020) denomina “aliado dos evangélicos”, pois, embora não seja evangélico, nem tenha integrado a Frente Parlamentar Evangélica na época em que era deputado, recorrentemente se aliava a esses atores em pautas morais comuns. Uma participação emblemática foi a audiência pública realizada em 2011 sobre a apresentação de um material didático de combate à homofobia nas escolas, a convite de Damares Alves, que posteriormente se tornou Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos em seu governo. Esse episódio foi, inclusive, retomado nas eleições presidenciais de 2018 por meio do chamado “kit gay”.

Além disso, ele também construiu uma série de marcadores identitários em torno dos evangélicos, como o batismo nas águas do rio Jordão, em 2016, realizado pelo pastor Everaldo; o fato de sua atual esposa, Michelle Bolsonaro, ser evangélica; e sua presença em templos religiosos evangélicos, entre outros.

Os trechos apresentados acima detiveram-se mais especificamente nas eleições de 2018, período em que Bolsonaro ainda era candidato à presidência, sem ter exercido cargos no Executivo, conseguindo se posicionar como um “outsider”, apesar do longo período em que foi deputado. Disputava principalmente contra Fernando Haddad, em um contexto no qual o ex-presidente Lula estava preso. Nesse período, Nemer tinha uma atuação política mais explícita, fazendo campanha abertamente em seus shows de *stand-up*.

Em 2022, apesar de admitir publicamente que votou no Bolsonaro por não votar “13”, ele não fez uma campanha tão aberta. Em um vídeo publicado após a derrota do Bolsonaro, chega a apresentar um diagnóstico sobre os motivos pelos quais acreditava que o candidato perdeu as eleições⁸. Ele elenca uma série de insatisfações, como as contradições entre suas promessas de campanha e sua gestão. Uma delas, que ele enfatizou “fator determinante para ele ter perdido essa eleição” (NEMER, 2022, min. 3:24–3:29), foi a condução da pandemia. A mãe do Jonathan Nemer chegou a contrair COVID-19 e ficou internada por meses, à beira da morte.

⁸ O vídeo a qual nos referimos pode ser visto em: <https://youtu.be/ZOmF0cd5zJk?si=OnkxwCN5dLXFbrYg>. Último acesso em: 13 de maio de 2026.

3. “O Cristão e a Política”: uma análise da performance de Nikolas Ferreira a partir de um vídeo de divulgação do seu curso

Nikolas Ferreira, deputado federal pelo Partido Liberal (Minas Gerais), foi o segundo candidato a vereador mais votado em Minas Gerais em 2020. Ferreira deixou o cargo de vereador em 2022, quando assumiu o de deputado federal, sendo então o mais votado do Brasil naquela eleição — recebeu mais de 1.4 milhão de votos⁹. Nascido em um lar cristão, os pais de Ferreira afirmam que ele já assistia às aulas do Olavo de Carvalho desde os seis anos de idade¹⁰ e, na adolescência, ele continuou tendo-o como mentor intelectual (OLIVEIRA, 2024, p. 118).

Autor de dois livros, “O Cristão e a Política: Descubra como vencer a Guerra Cultural” (2023) e o “Criando Filhos para o Amanhã: Um Livro Feito por Pais e Filhos Para Filhos e Pais” (2024), este último escrito em parceria com seus pais, o pastor e psicólogo Edésio de Oliveira e a psicóloga Maria Ruth de Oliveira; além de um curso chamado “O Cristão e a Política” baseado em seu livro e com uma função prática de “treinar pessoas a se defenderem e protegerem suas famílias”¹¹.

Nesta subseção serão analisados trechos escolhidos de um vídeo retirado de seu Instagram, intitulado “Se prepare!...link nos stories e bio”, publicado no dia 15 de dezembro de 2024, no qual ele anuncia uma promoção de seu curso. Nesse vídeo, de 5 minutos e 12 segundos, ele busca, com efeito jocoso, demonstrar a necessidade do curso de preparação para cristãos e conservadores. O vídeo tem como público-alvo os cristãos, mas procura também alcançar outros conservadores não religiosos, realizando “produções discursivas religiosas [que] se apropriam da linguagem midiática com vistas a circular em contextos não religiosos ou através de indivíduos de credos concorrentes.” (REGIANI; BORELLI, 2024, p. 4)

⁹ Nikolas Ferreira é o terceiro candidato com maior número de votos na história do país para o cargo de deputado federal, estando atrás de Enéas Carneiro, em 2002, com 1, 57 milhões de votos e de Eduardo Bolsonaro (PL/SP) com 1, 84 milhões em 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/911272-nikolas-ferreira-e-o-deputado-mais-votado-do-pais-com-147-milhao-de-votos/> Acessado em: 26 de agosto de 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/LuUw-YIhBhQ?si=4us4ZqpeDXhQNK0T> Acessado em: 26 de agosto de 2025.

¹¹ O vídeo, postado em 15 de dezembro de 2024, está disponível em: https://www.instagram.com/reel/DDnd3yGR8L9/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA= Acessado em: 26 de agosto de 2025.



Fig. 1: “Se prepare!”. Fonte: Print de vídeo do Instagram.

Pessoal, dá uma olhada nisso aqui. A esquerda realmente se superou de vez. O pessoal comprou meu treinamento para tentar me derrubar. Acredite se quiser. Entraram no “O Cristão e a política”, o meu curso. Assistiram horas e horas de conteúdo, com caderninho na mão e tudo, anotando cada palavra por palavra do que eu falo. Tudo isso para criar essa narrativa no Portal. Aliás, alguém ainda acessa esse portal? Achei que não existia mais. Agora imagina essa cena comigo. É hilário, mas preste atenção, o jornalista de esquerda, camiseta do Che Guevara, bonezinho do MST, sentadinho com o notebook aberto. Vai escolher o tema, aí ele pensa: “Aqui feminismo, agora pego esse tal de Nikolas, tá lascado, que eu vou acabar com ele”. Passa uns 30 minutos ele assiste algumas aulas e: “Pô, mas não é que faz sentido?” Aí ele muda a estratégia “Ok, vamos pro socialismo, agora ele não tem escapatória.” 30 minutos depois ele fala: “Rapaz, não é que esse menino tem razão mesmo”. (FERREIRA, 2024, Vídeo do Instagram)

Nikolas Ferreira inicia seu vídeo narrando uma situação em que um jornalista progressista teria se identificado com ele após estudar seu curso. Na tela, ele insere frames do Pica-pau, do Chaves e de Bolsonaro rindo. O jornalista buscava “derrubar” seu conteúdo, sendo Nikolas o alvo perseguido por essa classe.



Fig. 2: Jornalista de esquerda por Nikolas Ferreira Fonte: Print de vídeo do Instagram.

Werneck (2019) define a jocosidade como um importante instrumento de popularização de críticas e denúncias no discurso, observando que estas podem se manifestar por meio de paródias, memes, ironias e outras formas, colocando, em efeito, a figura crítica em posição de ridicularização (p. 614).

Uma plataforma tão impactante que até um jornalista de esquerda entrou para tentar entender o que eu tô fazendo para treinar milhares de pessoas a se posicionar, destruir as narrativas da esquerda e nunca mais serem manipuladas. E você vai ficar de fora? Isso é inacreditável. Mas vamos lá, dê uma olhada no que eles escreveram: “Além de propagar ódio contra feminismo”. Sério, eu estou pregando ódio? [Rindo] Claro que não. O que eu faço é expor a verdade por trás do movimento. Eu te pergunto, se eu estou propagando ódio por falar a verdade, o que isso seria? Porque aqui, meus amigos, contra fatos não há argumentos. Se eu tô falando sobre as mentiras da esquerda é porque eu tenho provas. Eles sabem disso. Tanto que precisam distorcer o que eu digo para validar a narrativa deles. E essa daqui é melhor ainda: “Curso para formar ativistas radicais” Sério, tá de sacanagem, né? A coisa mais radical que eu já fiz é tomar Nescau radical, estamos formando pessoas para se defenderem, para protegerem a própria família, isso vira ativismo radical? (FERREIRA, 2024, Vídeo do Instagram)

No modelo de “forma-piada” de Werneck (2015), o autor entende que é possível identificar duas situações no objeto analisado: a forma *setup*, em que são apresentados todos os

elementos, definindo a expectativa e mostrando como, de forma lógica, a piada é construída; e a segunda, *punch*, que seria a virada, trazendo o efeito humorístico para o momento em si. Werneck demonstra, em sua análise, que uma crítica pública jocosa está no campo acusatório, no qual o sujeito se insere no papel de “grande perseguidor”.

Ao analisar a “forma-crítica”, pode-se compreender que esta possui uma caracterização mais explícita. Nela, como exemplifica o autor, verifica-se a hipérbole, o *punch*, no qual o efeito humorístico aparece, sem que aquele momento se modifique para “uma discussão das provas e para a análise da justificação” (p. 204).

Neste trecho, Nikolas insere sua própria plataforma em um campo de tamanha seriedade e importância, no qual valeria a pena que seu curso fosse investigado pela oposição ideológica. Ele seleciona uma frase em que se afirmava haver, em seu conteúdo, propagação de ódio ao feminismo e, em seguida, ri, afirmando, como quebra de expectativa e virada humorística do assunto, que a coisa mais radical que fez na vida foi tomar Nescau Radical.

A fachada (GOFFMAN, 2014) construída por Nikolas destoa da apresentada pelo jornal; enquanto nas matérias seu conteúdo é retratado como perigoso, preconceituoso e formador de ativistas radicais, ele, em oposição, utiliza o humor para projetar uma imagem contrária, de leveza e verdade, colocando-se como perseguido por ter provas contra aqueles que buscaram destruí-lo.

Aí fica claro, o que incomoda não é o que eu ensino, mas o fato de que nós estamos preparando pessoas para reagir. E para finalizar, quer saber como vai ser a minha resposta para essa matéria? Se querem guerra, vão ter guerra. [Vídeo de explosão] Se estão questionando o fato de que eu já tô preparando milhares de pessoas para enfrentar essa guerra ideológica. Então a gente vai dobrar a meta. Já falei para minha equipe, vamos fazer algo histórico até para aproveitar a Black Friday, afinal, nada é melhor do que investir em conhecimento, em algo que poderá de fato mudar não só a sua realidade, a sua família, mas o futuro do Brasil. (FERREIRA, 2024, Vídeo do Instagram)

Nikolas Ferreira encerra seu vídeo com uma chamada para a guerra. Nesse momento, o tom torna-se mais sério, e o público, nos comentários, enfatiza a importância de ter alguém como ele na política brasileira. A acusação busca respaldo na legitimidade e na credibilidade de sua penalização; contudo, como aponta Werneck (2015, p. 198), é precisamente o tom jocoso que permite enquadrar essa fala como crítica propriamente dita, uma vez que carece de elementos claros e demarcados.

Nikolas se direciona firmemente contra a esquerda, mas, nos momentos em que rebate, ele ri e faz piada, como se a crítica fosse tão absurda que apenas o riso fosse a resposta necessária. É nesse momento que ele mantém sua fachada, que compreende seu espaço social como cristão e deputado federal jovem e comunicativo. Como Regiani e Borelli (2024) observam: “A adoção do humor como estratégia discursiva também tem um forte impacto sobre as performances e posturas assumidas pelos pregadores e atores religiosos, chegando a incidir sobre seu *ethos*, a ‘representação de si mesmo’ que um locutor ativa em seus destinatários”. Nesse sentido, o humor reforça o *ethos* dele como distinto dos religiosos antigos, marcando uma ruptura.

4. Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho foi apresentar, sob perspectiva comparada, através de uma análise empírica de plataformas digitais do YouTube e Instagram, como o humor pode ser utilizado como uma “arma” em uma estratégia discursiva politicamente orientada em um espectro de conservadorismo político e moral. Para isso, analisamos tanto um político institucional, Nikolas Ferreira, quanto um humorista evangélico, Jonathan Nemer.

Em comum, ambos operam na dinâmica de “influenciadores digitais”, categoria êmica que se refere a indivíduos que utilizam as redes sociais em uma lógica de produção de conteúdo para obter ganhos, sejam políticos, simbólicos ou mesmo monetários, por meio do engajamento de um grande número de seguidores. Além disso, ambos se identificam como cristãos e se posicionam moral e politicamente a partir de uma ótica de conservadorismo político. Por fim, utilizam o humor como “arma” retórica e, em momentos propícios, recorrem ao cômico para desqualificar um “outro” concebido sob a ótica do inimigo.

O humor opera tanto na manutenção da atenção do público, fundamental em uma era em que as redes sociodigitais exigem uma constante disputa pela atenção dos seus usuários, em uma competição voraz — quanto no reforço de identidades, em uma lógica autoafirmativa, além de atuar como “arma”, em uma analogia ao sentido bélico, para “ferir” simbolicamente seus adversários.

Com esse artigo, esperamos contribuir para os campos da sociologia e antropologia da religião, da política e do digital, através das descrições empíricas e interpretações teóricas acerca da influência do humor na difusão de ideias e posicionamentos, evidenciando o

entrelaçamento entre política, religiosidade e entretenimento nas estratégias de comunicação do conservadorismo contemporâneo no Brasil.

Referências:

ALMEIDA, Ronaldo de; GUERREIRO, Clayton. Religião e política. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.) **Antropologia da Religião: Autores e temas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

BERGER, Peter. **O riso redentor: a dimensão cômica da experiência humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. (Orgs.) **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: a verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

EAGLETON, Terry. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FERREIRA, Nikolas. **O Cristão e a Política: Descubra como vencer a guerra cultural**. Editora Vida, 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro, E-papers, 2016.

MACHADO, Carly. Introdução ao dossiê Religião e Mídia. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 34(2): 139–145, 2014.

OLIVEIRA, Nikolas Ferreira de. **Criando Filhos para o Amanhã: Um Livro Feito por Pais e Filhos Para Filhos e Pais**. São Paulo: Editora Vida, 2024.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 3a ed. Campinas (SP): Pontes; 2002.

REGIANI, Herivelton; BORELLI, Viviane. Mediatización, humor y performances en el discurso religioso. **Ciencias Sociales y Religión**, Campinas, SP, v. 26, n. 00, p. e024008, 2024.

VITAL DA CUNHA, Christina. Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco. **Plural**. Antropologías desde América Latina y del Caribe, n. 6, p. 123–149, 2020.

WERNECK, Alexandre. “Dar uma zoadá”, “botar a maior marra”: Dispositivos morais de jocosidade como formas de efetivação e sua relação com a crítica. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, vol. 58, n. 1, pp. 187–221, 2015.

WERNECK, Alexandre. Política e ridicularização: uma sociologia pragmática da “graça” da crítica em cartazes das “Jornadas de Junho”. **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 21 n. 3, p. 611–6533, dez. 2019.